

## CONFERÊNCIA DE ABERTURA - O Aedes NA MÍDIA

---

### **Luís Castiel**

Quero agradecer o convite do Wagner Vasconcelos e sua equipe da Fio-cruz Brasília para participar do I Seminário Internacional “As relações da saúde pública com a imprensa”. Preciso dizer que pensei: mas por que esse convite? Não sou especialista em Aedes e nem em suas correspondentes arboviroses nas quais este mosquito atua como vetor. Admito que tive uma passagem pelos conteúdos científicos tal como são veiculados para o público leigo pelas mídias, mas acabei me afastando há um bom tempo.

E eu de fato, às vezes caio nesse lugar de provocador e eu uso esse argumento para justificar certa liberdade crítica que eu tomei nesta apresentação diante da presença nociva do Aedes com suas graves e ameaçadoras doenças epidêmicas em nosso país.

Penso que grande parte das preocupações da saúde coletiva é, cada vez mais, antecipar a possibilidade de evitar certos danos. As epidemias de doenças infectocontagiosas deveriam fazer parte de um certo passado, apesar de evidentemente, ainda existirem periodicamente ameaças de surtos de novas enfermidades divulgadas pelas mídias, como gripe aviária, suína, H1N1, entre outras. De certa forma, a ameaça epidêmica vinculada ao Aedes parece uma espécie assustadora de retorno do recalçado pestilencial na atualidade.

Não vou entrar em detalhes sobre as características entomológicas do mosquito, acho que a grande questão é a erradicação, que já havia ocorrido no Brasil no final dos anos 50. Tal programa foi declarado um inegável sucesso, mas, como se sabe, nos anos 1970, os *Aedes* voltaram ao território brasileiro e uma das hipóteses para isto ter ocorrido seria a diminuição de atividades de controle e vigilância do mosquito. E, talvez, a influência da correspondente resistência a inseticidas.

Nesta reinfestação, as pesquisas detectaram duas variantes do vetor. Por um lado, há um tipo de *Aedes* que veio através da região Norte, com descrição dos movimentos das pessoas e das trocas econômicas. Por outro lado, outra espécie se estabelece no Sudeste. Os correspondentes dados apontam questões para a proposição de mais uma erradicação desses insetos, se é que isto é possível.

Naquela época, o foco do combate ao inseto se dirigia à febre amarela, que deixou de ser preocupação para retornar o ano passado e nesse ano de 2017. Em 1982, já recomeça a preocupação, em função das epidemias de dengue, que iniciam nesta época. Mais precisamente, a primeira onda de epidemia foi detectada em 1987. Essa história, de lá para cá, é conhecida.

O inseto teve origem no norte do Brasil, vindo da Venezuela e dos Estados Unidos. Na época surgiu um estudo com uma tipagem genética dos mosquitos. Em seguida, passaram a infestar o Nordeste e Sudeste, vindo do Caribe. A República Dominicana se apresenta como um suposto foco para essa reintrodução do *Aedes*.

Surgiram várias tentativas da imprensa de usar técnicas novas de imagem e de som para falar do mosquito e do vírus zika. Acho bem interessante para as pessoas ditas leigas, pelo menos, terem uma melhor ideia e apreensão, no sentido do histórico do *Aedes* em relação à infecção pelo vírus zika. Reproduzo agora a frase da atual presidente da Fiocruz, Nísia Trindade, que em janeiro do ano passado, afirmou que “é praticamente impossível erradicar o *Aedes*”. Algo que considero duramente verdadeiro.

Quando eu comecei a pesquisar o termo mosquito, surgiu o Esquadrão Mosquito, que eram esquadrilhas de pequenos bombardeiros do chamado “Mundo Livre” contra o fascismo nazista. Isso parece despropositado, mas é importante pois me permite fazer analogias como esta a seguir: nem campanhas irão erradicar o Estado “aedésico” do Brasil.

Em seguida, busquei publicações na internet sobre humor, se é que é possível haver muito humor em relação ao Aedes. Acessei alguns cartuns e um deles dizia o seguinte: “Não reclame da crise, trabalhe, seja criativo. Faça como o Aedes aegypti que começou pequeno e hoje é bem-sucedido com três produtos no mercado”. É possível perceber que isto é um tanto antigo, porque de uns tempos para cá, são quatro produtos no mercado. Outro, na mesma linha: “Preciso fazer um trabalho de escola, qual é o empresário mais bem sucedido no Brasil?” “É o Aedes aegypti. Chegou ao Brasil sem nada, prosperou na crise, tem clientes em todas as classes sociais, atende a América do Sul, do Norte e está expandindo para a Europa!”. Mais um: “Com a palavra o Aedes aegypti. O segredo é ter foco, cara!”, com a imagem de um mosquito fumando um charuto como se fosse um empresário bem-sucedido.

Interessante são as alegorias apresentadas pelos cartuns porque nelas há um denominador comum, bem ao espírito da época: o Aedes como um empreendedor supostamente mimetizando discursos econômicos dominantes com vistas ao crescimento econômico e produção de riquezas. Ou seja, vivemos em um contexto onde as coisas tendem a se reproduzirem em termos até midiáticos mediante enunciados econômico/financeiros.

Há vários jargões popularizados neste sentido: “correr atrás dos sonhos”, “agregar valor”, “fazer a diferença”, e todos vendem uma ideia dominante da prevalência de um modelo da postura empreendedora na economia, de uma forma geral. Aproveitando dois escritores franceses, Pierre Dardot e Christian Laval, que discutem neoliberalismo. Não pretendo ficar falando clichês sobre o tema. Segundo eles, essa seria a ‘nova razão do mundo’ – nome do livro. Por que ela não apareceria em cartuns de humor sobre o Aedes?

Em outras palavras, esse tipo de forma de organizar a produção e o consumo não desmonta apenas regras de instituições e direitos, também produz determinados tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades, certas precariedades, especialmente desse lado debaixo do Equador, onde os poetas dizem que não existe pecado. Não sei se vocês se lembram, essa é uma música de 1973 de Chico Buarque e Ruy Guerra, que segundo o site <http://atrasdamusica.tumblr.com/>, a principal frase da música “Não Existe Pecado ao Sul do Equador” é pelo menos três séculos mais antiga do que a composição.

Esta frase era dita na Europa, tendo sido registrada pelo cronista holandês Barlaeus em 1641: “É como se a linha que divide o mundo em dois hemisférios também separasse a virtude do vício”. E possivelmente, serve para também sugerir hoje que só lugares tementes ao pecado de não ser rico

socioeconomicamente seriam abençoados com a inexistência de doenças malévolas com vetores que, além de tudo, não tem o inverno para impedir a correspondente disseminação epidêmica. Mas, é despropositado e simplista acusar o neoliberalismo como causa formal do *Aedes aegypti* e suas doenças no Brasil.

Quero explorar a ideia bastante difundida de que o *Aedes* é um mosquito oportunista, há um aspecto retórico interessante. Em textos divulgados no Portal Fiocruz, vemos: “Conheça o comportamento do mosquito *Aedes aegypti* e entenda a razão que leva esse pequeno inseto a ser taxado dessa forma.” (como mosquito oportunista). Você já deve ter ouvido falar que o *Aedes aegypti* é um mosquito com hábitos oportunistas. Por qual razão? Ele é doméstico, vive dentro, ao redor de domicílios, de outros locais frequentados por pessoas, como estabelecimentos, comerciais escolas ou igrejas, por exemplo, tem hábitos principalmente diurnos, alimenta-se de sangue humano, sobretudo ao anoitecer e ao entardecer. Mas ele também pode picar à noite? Sim. Ele não deixa a oportunidade passar”.

Por que aceitamos e utilizamos essa ideia de que o mosquito é oportunista? Porque, evidentemente, o oportunismo é uma característica a priori humana. Mas, sucede que isto é transportado, a princípio, metaforicamente, para o mosquito. Também se usa: “infecção oportunista: doenças que se aproveitam da fraqueza do sistema imunológico que cuida da defesa do organismo”.

As metáforas são fascinantes. Uma das questões da metáfora é que ela faz um transporte de sentido que tende a privilegiar determinados significados associados ao termo original em detrimento de outros. Aqui tem mais: “infecções que se aproveitam das fraquezas das defesas imunes são chamadas de oportunistas”, no idioma inglês, com a mesma dimensão semântica - da infecção oportunista, que ocorre quando as pessoas estão desprevenidas, tirando proveito de descuidos das vítimas em potencial.

Procurando a origem etimológica de ‘oportunismo’, para minha surpresa a origem vem do italiano. Aliás, aproveitar a oportunidade, apesar dos riscos é um dos clichês que a gente escuta constantemente dentro desse ambiente de risco e crises atribuídas à presente dinâmica do mundo financeiro. Risco também é utilizado como categoria essencial da economia. Mais especificamente, há o conceito de “custo de oportunidade” (opportunity cost em inglês).

A ideia de oportunidade se relaciona com a ideia de escolha, ou seja, na hora em que se decide algo em termos econômicos, se faz uma escolha, você abre mão de alguma coisa que tem o seu custo, em nome de outra. Pois bem, uma

pergunta talvez inoportuna: e o custo de oportunidade de não se ter investido na manutenção da erradicação do Aedes no Brasil? Dá para calcular esse custo? Evidentemente que não, mesmo havendo métodos de análise de custos-benefícios, elas não dão conta de avaliar de modo eticamente satisfatório o dimensionamento em termos econômicos do valor de vidas perdidas e os efeitos de adoecimentos e suas sequelas nas populações por doenças veiculadas pelo *Aedes aegypti*.

Curiosamente, a origem etimológica de ‘oportunidade’ provém de ‘porto’, se referindo ao porto como via hídrica, de mar como saída, numa época que não existiam helicópteros, aviões ou outros veículos que poderiam te safar. Era só através do mar e da possibilidade de haver um porto que te dava uma rota de fuga. Ou seja, se você está numa enrascada, tem a via marítima ou fluvial para escapar. Isto seria um senso duplamente oportunista também porque você está usando um porto para poder fugir.

Muitas teorias econômicas utilizam a teoria do oportunismo. Há a figura do “*homo oeconomicus*” que, a priori, seria egoísta. Haveria aí um pressuposto fundamental de uma ideia da condição humana: as pessoas são auto interessadas, e, portanto, mesquinhas. Assim, vão buscar enriquecer. Mas, não importa que sejam mesquinhas desde que produzam riquezas que irão ter como suposta consequência a melhoria geral.

Então, se as ideias econômicas preconizam este ‘*homo oeconomicus*’, se torna até admissível, conforme as circunstâncias, que certas pessoas que ocupam lugares empresariais possam fazer promessas que não vão cumprir, disfarçando reais intenções, renegando acordos, ou mudando um tempo de um contrato para se beneficiar desde que isto supostamente aumente a riqueza geral. Tal disposição parece valer não só para o meio econômico. Quase todos já vieram a saber que o dito mundo político também pode ser pródigo nestas estratégias. Há políticos capazes de operar de modo muito próximo de grandes empresas de maneiras escusas, apesar de clamarem enfaticamente por suas inocências.

Em termos de prevenção, há outro homo, o ‘*praeventus*’. No caso das doenças do Aedes, temos a noção de que um dos grandes instrumentos de prevenção é o repelente de mosquitos. Será que o repelente se torna um emblema de como a vida passa a ser vivida em termos de prevenção do mosquito com todas as questões que envolvem você ter uma vida, digamos, com altos teores de ‘repelência’?

Temos uma sucessão de adjetivos incômodos que envolvem medo e risco em tempos desagradáveis, enjoativos, nauseantes, odiosos - porque essa é a

maneira como traduzem para nosso idioma o termo grego aedes. Cada vez mais, o repelente passa a assumir um lugar de emblema imunitário destes tempos ‘aedésicos’. Ou seja, cada vez mais temos de nos proteger porque pequenos entes voadores são potencialmente capazes de nos configurar subjetivamente, para além de serem vetores de doenças infectocontagiosas.

Por exemplo, já há propaganda no Brasil de desinfetantes sob a forma de gel, além do próprio álcool, para nos proteger de contatos indesejáveis, de situações que podem ser transmissoras de doenças. Isso é algo consagrado nos Estados Unidos, onde as pessoas usam, especialmente em locais públicos e transportes coletivos, se você se vê na contingência de colocar as mãos em algum lugar onde pressupõe-se a possibilidade de contaminação por outrem.

Agora, algo com certa dose de ironia: vocês já ouviram falar em Aedes de Venustas? Não? Eu também não tinha ouvido falar. Mas que Aedes é esse? Curiosamente, é um anti-repelente, algo com função atrativa. É uma marca de perfume considerado sofisticado, e logicamente, caro.

Temos de imaginar que as pessoas conseguiriam todo o tempo utilizar repelente nos seus corpos, levando em conta o desconforto e os custos que esta ação implica, mesmo com a finalidade de evitar as doenças transmitidas pelo Aedes.

Há vários cartuns neste sentido e aqui está um com um trocadilho de gosto duvidoso: “Pelo fim da picada”. O fim da picada quer dizer o fim de um atalho, algo que significa o fim do caminho, ou seja, estamos perdidos. Uma pergunta cabível seria: qual é o fim da picada referido aos repelentes, além do trocadilho com a picadura do mosquito-fêmea?

Ora, muitos elementos nos levam a crer que, além disto, se está perdido diante das doenças de potencial epidêmico veiculadas pelo Aedes. Ademais, que grupos sociais podem adquirir repelentes durante o período de proliferação do mosquito? Será cabível que o recurso preventivo de massa serão os repelentes, além de evitar a reprodução do mosquito nas águas domésticas represadas, ou ainda, pela eventual distribuição ampliada de Aedes “engenhierados” com a bactéria Wolbachia?

Outro aspecto importante se refere a de que maneira a comunicação de risco pode ser esgarçada pelo Aedes. Sua definição técnica se refere à noção de risco como a probabilidade multiplicada pela severidade do desfecho inde-

sejável. Uma definição ‘singela’: troca de informação e opiniões e o estabelecimento de um diálogo efetivo, entre aqueles responsáveis por avaliar, minimizar e regular ameaças e aqueles que podem ser afetados pelos desfechos daquelas.

A imprensa deve, a princípio, participar deste processo de maneira esclarecedora como meio de comunicação de massa – mas isto pode se transformar, dentro das circunstâncias vigentes, numa ampliação inevitável do medo.

A avaliação do risco baseada em ciência estatística em relação ao Aedes apresenta aspectos particulares. Especificamente, na questão da gestão dos riscos, as coisas podem ficar mais complexas. Como é que se faz a gestão desse tipo de perigo, além de destacar a retenção de água nos pneus, além de falar dos locais que estão armazenando água parada? E, como fica a comunicação de risco, que se apresenta como troca interativa de informação e opinião em relação a essas ameaças?

Outras tentativas de utilizar a divulgação e a comunicação de risco, ou melhor, de perigo do Aedes, é sobre o formato de GIFs, que são imagens e gráficos que mostram para quem tiver acesso à Internet, a maneira como o mosquito se dissemina.

Vocês podem reparar que a ideia de comunicação de risco se complica diante de ameaças graves em função dos estados de pânico que podem ser gerados.

É preciso mencionar, segundo Joost van Loon, que a forma como pensamos é intimamente ligada à mídia, através da qual este pensamento é tanto processado como gerado. Em geral, não se percebe o pensamento em si como mediado. As tecnologias ordenam o mundo tanto no sentido de prover uma estrutura, como de comandar ações específicas.

Não se trata do meio através do qual algo mais fundamental é obtido num instrumentalismo vazio, como interação coletiva, socialização, propaganda ou comunicação de massa. Há uma difusão de conteúdos que misturam aspectos subjetivos em que as pessoas incorporam a ideia do mosquito em função de situações políticas, que também estavam acontecendo na época. Como as imagens de mosquitos com cabeça de políticos e seus nomes: Michel Denguer, Eduardo Chicuncunha e Zika Rouseff ou a associação da ex-presidente Dilma Rouseff num vestido negro com bolinhas brancas ao Aedes.

Diante de tantas significações sobre os perigos emitidos, sobretudo pela epidemiologia/estatística probabilística, parece plausível cogitar que ainda há um déficit de significados disponíveis para dar sentido às questões de saúde em jogo. Há que se lidar com a ameaça, também, como algo vinculado sobretudo ao medo, ao mal-estar e a sofrimentos dessa nossa civilização. Estamos inclinados culturalmente a expressar nosso mal-estar na linguagem do risco. E o alarme na linguagem do medo. E este discurso não dá conta do fato de que: é por meio dos saberes que temos de encarar nossas vidas como tendo consideráveis dimensões de incerteza. Tal insegurança é difícil de ser apaziguada.

O medo seria um problema da presente cultura, à medida que impõe a nós um anseio de que nos equipemos de recursos para prever nossos destinos mediante perspectivas que estão além da nossa capacidade de previsão. Como se sempre fosse imaginariamente possível produzir interruptores tecnológicos que fizessem lançar alguma luz nas obscuridades que não cessam de se manifestar por meio de métodos/técnicas/objetos capazes de evitar ou enfrentar perigos ameaçadores. A tarefa de lidar com o que nos amedronta atualmente pode se manifestar de várias formas como dimensões dos processos de procurar interpretar a significância cultural da consciência do risco e do perigo.

Ainda assim, há crenças que, cedo ou tarde, sempre irão existir medidas preventivas eficazes ensejadas pelos avanços da ciência e da tecnologia. Só que nem sempre isto está garantido.

Além disso, continuamos afligidos pelo medo da incapacidade de gerir os rumos político-econômicos que não dão conta dos descontroles gerados pelo mito do progresso produzido pelos atuais imperativos de crescimento econômico dos modelos vigentes. Minha dúvida é: de que maneira a gente tem capacidade de lidar com certo déficit de significados, claro que o que eu estou dizendo, não é para prejudicar as ações preventivas, mas, há que se levar em conta a questão de como lidar com o medo que pode nos avassalar.

É preciso saberes que se apresentem com a pretensão de revelar as conexões entre a lógica político-econômica da época em termos gerais e o sentimento de que algo está profundamente errado com a qualidade de nossa vida cotidiana como ela se apresenta. As atuais narrativas culturais nesta época consideram a atualidade como um tempo obsessivamente preocupado com a ideia que vivemos sob a ameaça de incertezas temíveis.



Assim, a busca pela redução do risco se vincula à emergência de uma sociedade obcecada com a busca de segurança, que insiste em procurar escapar através da gestão do medo. Buscam-se maneiras de compreender esta condição como consequência da organização social, economia política, valores culturais e dimensões ideológicas deste período histórico. Mas, ainda assim, parece que algo escapa. Penso que a nossa época, nossa civilização, mesmo antes desse ressurgimento do *Aedes*, de certa maneira, veicula muito medo, e a gente lida com esse medo em nosso cotidiano, em vários aspectos. Em suma, “quem tem corpo, tem medo”.

Em síntese, é possível cogitar que nós fazemos uma gestão do mal-estar e dentre os elementos que compõem esse mal-estar, está o medo, e isso não seria apenas uma característica de países como o Brasil, é plausível cogitar que isto acontece no mundo inteiro. Por exemplo, países que por razões políticas ou geopolíticas, impediram entrada de refugiados das guerras da Síria, das ações terroristas do Estado Islâmico.

A linguagem do risco não dá conta desse medo, não seria despropositado pensar que as epidemias do *Aedes aegypti* ampliam o medo. E o que fazer com o medo? Ou seja, como fazer em relação ao saber sobre os riscos quando a gente precisa encarar nossa vida com altas doses de incerteza e insegurança? E o que fazer com essas incertezas? É até covardia dar o exemplo do Brasil atual. Em termos de incerteza, vivemos tempos bem complicados.

Ou seja, tal insegurança dificilmente é apaziguada, mas há uma certa confiança na ciência, e eu também tenho que manter essa confiança, que um dia vai haver medidas preventivas, eficazes, que vão, enfim, eliminar o *Aedes* da face da terra. Não sei. Mas, pode ser que lancem um novo celular que ao mesmo tempo seja repelente...

Por fim, há um trecho de quase 10 minutos de um documentário do Discovery Channel (documentário *Mosquito: Uma Ameaça No Ar*), sobre doenças veiculadas por mosquitos, que foi transmitido no início do mês de julho de 2017. Trata-se de uma obra que, apesar de bem acabada, amplia nosso medo. Deste documentário, recolhi trechos com relatos com o uso de figuras de linguagem que podem ser amedrontadoras. A imprensa, de uma certa maneira, acaba reproduzindo certos exageros linguísticos cometidos por alguns experts do campo da saúde. Isto faz parte desses jogos de espetacularização midiática com o qual se convive constantemente.

Os trechos são:

- Narrador: “E quando ela (a fêmea do *Aedes aegypti*) pousa na sua próxima vítima, ela tem mais um truque que a torna uma transmissora extremamente eficiente de doenças

- Narrador: “A razão é simples: o sistema que criamos para viajar pelo mundo. Nos anos 60, viajar costumava ser especial. Mas, hoje em dia, subir num avião é como subir num ônibus”

- Bart Knols, entomologista: “Há um mar de sangue a dez km de altitude. E nesse mar de sangue há vírus, parasitas, tudo que pode causar doenças está viajando pelo mundo todo numa velocidade incrível”.

- Bart Knols, entomologista: “Com a urbanização pelo mundo, há muito mais lixo espalhado nas cidades que não é recolhido. Lixo que pode abrigar criadouros de mosquitos bem perto de grandes concentrações de pessoas”.

– Ali S. Khan, epidemiologista da Universidade de Nebraska: “E aí, de repente, nós percebemos no Brasil que o zika é basicamente um míssil teleguiado para as células cerebrais”.

– Philip Stoddard, prefeito de South Miami e professor de Ciências Biológicas na Universidade Internacional de Florida em Miami: “Inimiga pública nº 1, 2, 3, 4 e 5, as bromélias são fábricas de mosquitos...”

- Philip Stoddard: (*Aedes*) é o parasita humano perfeito, ele vive nas nossas casas, ele gosta de nosso lixo, ele vive às nossas custas, ele é muito sorrateiro. (...) É difícil de matar. Não dava para inventar um mosquito melhor que o *Aedes Aegypti*... A gente costuma pensar que vai ganhar essa batalha. Mas eu acho que os mosquitos vão ganhar.

É importante terminar deixando palavras amigas para vocês: esperança, segurança e bem-aventurança. “Será só imaginação? Será que nada vai acontecer? Será que é tudo isso em vão? Será que vamos conseguir vencer?”  
É isso!

Link Youtube:

<https://goo.gl/7RZPpW>